

ILUSTRACÃO
PORTUGUESA

1921



ANTONIO
SOARES

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 14\$00 — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Século, 43, LISBOA

Sapataria JANUARIO

Calçado de luxo em todos os generos
pelos mais chics modelos

MEIAS FINAS

78, R. de S.^{ta} Justa, 80



Pasta dentifrica

COURAÇA

M. B. B. Teixeira

230, RUA DE S. BENTO, 236

TELEFONE 1364 — Central

LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Fedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

TONICO YILDIZIENNE

O tesouro dos cabelos

Faz nascer e crescer os cabelos. Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.

Tintura Yildizienne

Instantanea. A melhor e mais rapida do mundo.

Regenerador Yildizienne

Cora os primeiros cabelos brancos em 8 dias.

Schampoo Yildizienne e Skaffe

O melhor que ha para lavar a cabeça e tirar a caspa.

Brilhantina liquida Yildizienne

Para dar brilho e leveza aos cabelos.

Brilhantina solida Yildizienne

Ondulante favorece a ondulação e dá aos cabelos um brilho incomparavel.

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 23—Lisboa

TELEFONE 3641

Resposta mediante estampilha

Peçam em toda a parte os acreditados produtos d'esta
ACADEMIA DE BELEZA

Vêr na quarta-feira proxima o



Suplemento de Modas & Bordados



Preço: 20 centavo.

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



SUA ALTEZA, A PRINCEZA ISABEL DE BRAGANÇA, CONDESSA DE EU,
FALECIDA RECENTEMENTE

Uma peça de Oscar Wilde

Oscar Wilde é um escritor de ontem, de hoje e de amanhã. Pertence ao numero daqueles autores que hão de ser admitidos em todas as épocas porque tiveram o cuidado de admitir todas as épocas na sua Arte. A peça com que Lucília Simões acaba de ter a elegancia de se estrear, é uma peça admiravel, uma peça que o publico não mereceu, uma peça onde a acção existe em cada frase.

A acção em teatro não está só nos gestos, nas atitudes, nos conflitos, está também nas palavras, está também nas frases. Numa palavra, ás vezes, cabe um drama.

A peça de Oscar Wilde para ser uma peça intensa não precisava ser uma peça gritada. Oscar Wilde nunca se desmancha. Ele põe um sorriso em todas as tragedias. *Uma mulher sem importancia* deixaria de ser obra-prima que é, se o autor tivesse posto grandes rubricas na sua peça. É assim que está certo. A acção da peça gira toda em volta duma vida apagada, duma vida de renuncia... O ritmo da peça tinha que ser esse. Não foi ao acaso que Oscar Wilde chamou á sua peça *Uma mulher sem importancia*. É certo que a certa altura, essa mulher assume uma importancia maxima na vida de Lord Illings. Entretanto, essa importancia afirma-se sempre sem gritos, sem insolencias, de olhos baixos...

Na noite da *oremière*, entre varias barbaridades, ouvi acusar Wilde de fatigante, de aborrecido, de semsaborão... A maior qualidade de Oscar Wilde é, justamente, ser profundo como quem é futil, é dizer as maiores verdades como quem diz as maiores mentiras... Wilde só pode cansar quem o não percebe, quem o não quer perceber... Ha frases de Wilde onde o espirito fica como num *hamac*, embalado, feliz, sonhador... A vida cansou Wilde; Wilde jámais cansou a vida... Os que se fatigam com Oscar Wilde são todos os que se fatigam com a Beleza. Oscar Wilde não era um mesquinho espirito de contradição, como muitos julgam. Ele contraditava a Vida por amor da Arte.

Lucília Simões compreendeu maravilhosamente o seu papel, compreendeu-o tão bem que se sacrificou, que se apagou, propositadamente, que se escondeu do publico muitas vezes. O seu maior triunfo no segundo acto foi ter deixado o publico indifferente, desconfiado... Lucília Simões no segundo acto era ainda *uma mulher sem importancia*... Dar-se a minima importancia seria traír o pensamento de Oscar Wilde.

Lucília Simões é uma grande actriz. Tem aquela grandeza que sabe amesquinhar-se, quando é preciso. É-se tão grande na humildade como no orgulho. Lucília Simões para dar, com toda a verdade, o contraste da figura, precisava de representar como representou, precisava de ser onda mansa e tranquila no segundo acto e mar encapelado no terceiro e no quarto. As mulheres, as mais serenas, têm sempre um mar-alto na alma.

Houve, na verdade, quem pretendesse, lamentavelmente, confundir Lucília Simões com Raquel Burnott, quem quizesse atribuir a Lucília o que só Raquel Burnott pertencia, a sobriedade das *toilettes*, os olhos baixos, a timidez de atitudes... Mal sabem os que tal afirmam que prestam assim o maior elogio a Lucília Simões que, numa *Mulher sem importancia*, apenas quiz ser uma mulher sem importancia.

ANTONIO FERRO

HA muitos anos numa «soirée» elegante: As meninas da casa — meninas prendadas — sabiam recitar, cantavam, valsavam, e até de vez em quando se sentavam ao piano.

A mais nova, a Mimi, querendo obsequiar Tomaz Ribeiro que lhes dera nessa noite a honra da sua visita, levantou-se, pôs os olhos em alvo e começou a recitar a «Judia». A certa altura, na altura d'aquello verso:

«Hebreia linda que sorrindo estás»
a Mimi com um suspiro murmurou:

«E'bria linda que sorrindo estás»

Todos gostaram, todos aplaudiram. Só Tomaz Ribeiro, com a voz embargada pela comoção, tentava em vão agradecer tamanha honra.

FALA-SE novamente duma crise ministerial. Consta porém que os ministros propostos para a formação do novo ministerio, se negam a aceitar as pastas, alegando toda a casta de razões. A insistencia porém é de tal forma, que alguns cedem, Deus sabe com que apertos de coração.

Daqui a pouco, por este andar, teremos que gritar como certa vizinha nossa, quando lhe arrastaram o marido para certa corporação de bombeiros:

— Pouca vergonha! Obrigarem o meu homem a ser voluntario!

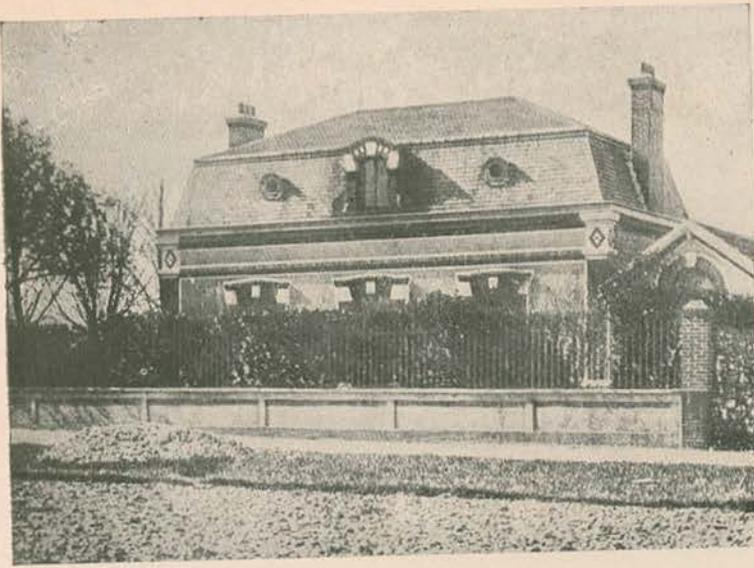
NAS «Memorias de Sua Alteza O Duque do Porto» publicadas no numero de hoje ha uma passagem que merece reparo. E' quando se fala da expedição á India comandada por D. Afonso que, segundo o autor das Memorias, seria constituída por condenados. A verdade é que D. Afonso, nessa expedição, se fez acompanhar por alguns dos mais distintos officiaes do exercito portuguez, officiaes que se impunham pela sua bravura, pelo seu character e pela sua intelligencia.

PROCUROU-NOS o sr. Freire gravador, honrado comerciante da Praça de Lisboa, para nos declarar não ter o minimo fundamento a noticia que, a seu respeito, publicamos no nosso ultimo numero. A nossa intenção ao publicar essa noticia foi simplesmente a de pôr em fóco, mais uma vez, o conhecido espirito do sr. Freire Gravador. Desta vez, porém, fomos mal informados. Os inquilinos do sr. Freire Gravador não lhe ofereceram banquete algum, nem Sua Ex.^a seria capaz de lhes armar ciladas de aquella ordem. Que o illustre commerciante nos desculpe. Aos homens em evidencia atribuem-se sempre um grande numero de anedotas. E' preciso suportar com paciencia, os ossos do officio da celebridade...

N'O nosso ultimo numero atribuímos, por lapso, ao sr. Belford Ramos o cargo de Consul do Brazil. Não é assim. O sr. Belford Ramos é Conselheiro da Embaixada do Brazil. Ao distintissimo diplomata as nossas desculpas pela falta involuntaria.

NA ultima Assembléia Geral da Sociedade Nacional das Belas Artes em que esta Sociedade resolveu, por grande maioria, transformar a Arte portugueza numa Associação de Classe, é justo destacar as nobres atitudes de Jorge Colaço e de João Vaz que souberam não ter medo dos novos, por estarem na certeza de ser tão novos como eles.

LANDRU O "BARBA AZUL"



A casa em Gambai que parece ter sido o teatro das tragedias de Landru



Madame Cuchet, a primeira vitima de Landru



Madame Pascal, outra vitima de Landru



Landru



Virginia Vitorino, poetisa

A ENTREVISTA DA SEMANA VIRGINIA VITORINO

QUANDO entrei, ninguém no pequeno escritório. Corri-o sofregamente com a vista, numa curiosidade franca que a presença de Virginia Vitorino me não permitiria. Pude mesmo percorrel-o de canto a canto, silenciosamente, porque, no chão, a afogar em azul escuro o barulho dos passos, um grande lenço de Alcobaça, estilizado em lã pelas mãos milagreiras de Beiriz, impedia que ouvissem o meu vae-vem.

Entrava pela janela a claridade agonizante do dia; e ia dar uma evocadora emoção ás cruces de Cristo que abrem, nos trez respoiteiros lisos, a benção vermelha dos seus braços.

Pousando irreverentemente o joelho no *divan* que ocupa um canto, ergui-me a examinar uma candeia misteriosa, com quatro bicos como os fossos candieiros de azeite; uma candeia que um braço de ferro sustenta, nos dedos ossudos de quatro correntes. Esverdinha-a um azebre velhissimo, que lhe empresta uma poeira de lenda, uma aureola de tragedia antiga.

— Trouxe-a de Pompeia...

Traioceiro, o tapete não me deixara ouvir entrar Virginia Vitorino; fui surpreendido na mais critica situação em que até hoje se viu um entrevistador. Sentei-me, titubeando ao acaso:

— Ah! Com que então, de Pompeia... aquilo não deve ser nada mau.

A frase estava longe de ser profunda!

— E' lindo; aquelas pedras, mortas para ressurgi-

rem mais belas, como Cristo, dizem muito mais, na poesia esfingica do seu silencio, do que todas as paginas de lord Bulwer Lytton.

— Percorreu a Italia?

— Só o Sul. Napoles, Palermo... Demorei-me sobretudo em Capri. Convidou-me a esta deliciosa viagem a minha querida amiga Olga de Moraes Sarmiento.

O grande talento e o grande coração da illustre escritora ausente fluctuaram por momentos na conversa... Depois:

— De Palermo, demos um passeio a Tunis; finalmente, por Marselha, Paris!

— Paris!

— Dez dias escassos, intensos, inesqueciveis.

— Teatros?

— A Sergine, na *Passante!* A Raquel Meller...

— Colette chamou-lhe a «Duse da Canção».

— Sim. Eu nunca vi a Duse; mas é sublime, se fôr a Raquel Meller da declamação...

— Será ir um pouco longe... Paris ergue sucessivos pedestaes a sucessivos idolos. Onde se come, agora?

— Que pergunta! E não me fala dos museus, de que eu tive a banalidade de gostar imenso, nem de tantas outras outras coisas interessantes! Onde se come! Toda a gente corre para o *Perroquet* para o Pré Catelan, para o Ritz... Não quer saber onde se joga o *tennis*?...

Refugiei-me numa pergunta inevitavel:

— Trouxe muitos versos lá de fóra?
— Alguns. Trouxe sobretudo recordações, e projectos...

— Muitos projectos?
— Sim. Todos os que já levava de aqui...
— Novos livros, é claro.
— Tenho um quasi pronto a publicar.
— Versos de amor?
— Exclusivamente não. Não quero ferir só a mesma nota dos *Namorados*. Faça mal? Bem? Faça o que fizer, muitos hão de dizer que o meu 2.º livro é inferior ao 1.º E' inevitável...

— Inevitável?...
— Sim. Ligaram aos *Namorados* uma importância que eles não têm; e agora, por mais que a minha sede de perfeição seja cada vez maior, por mais que procure subir sempre em arte, já sei o que me espera...
— Pessimismo... Talvez tenha razão. Olhe: — diga-me os seus últimos versos...

— Com muito gosto. Ainda nem os passei a tempo.
Levantando-se de ao pé de mim, Virginia Victorino foi abrir uma gaveta de onde trouxe... uma ardozia! Uma pedra banal, como as que sofrem pacientemente, nas aulas primárias, as laboriosas contas de somar com que rompemos fogo na aritmética; a sua moldura de pinho lá tem o classico buraco de onde costuma pender, prezo a uma gaita, um desalentado farrapo de esponja. Naquela pedra foram escritos todos os seus versos passados; nela quer Virginia Victorino escrever todos os seus versos futuros. Confessou-me que lhe é impossível esboçar sequer uns versos no papel; sujeitando-os sempre a um sem numero de correcções, dão-lhe a impressão de um supplicio os cortes sucessivos, os traços, as emendas; escreve-os por isso na pedra, onde as palavras substituem outras palavras que não deixam vestígios, onde a ideia parece sempre surgir cristalina, espontanea, facil.

— Mas leia-me os versos.

— Um soneto...

Ouve o grande silencio destas horas!
Já não falamos, não dizemos nada...

Não permitiu que o copiassemos. Mas a sua voz grave, harmoniosa, intensa, a sua voz onde vibram todo o seu temperamento de poetisa e todo o seu *charme* de mulher, gravou-nos na lembrança a melodia daqueles dois versos iniciais. Além disso, o crepusculo, — este crepusculo silencioso e friorento que recolhe cedo ás casas — envolvia-nos progressivamente;

os versos de Virginia Victorino eram o ambiente a falar...

Foi pouso a pedra sobre a meza. Houve uma pausa. A penumbra ia crescendo. Não sabendo como reatar o fio, depois de aquele soneto que me desnortheára, recorri ao consabido recurso — uma banalidade:

— Pois é verdade! E' uma pedra historica... quantas mimosas produções...

— Pelo amor de Deus! *Mimosa*, não. Ha palavras que me contendem com as nervos. Quando me chamam mimosa poetisa (mimosa ou delicada) e quando me ralam em *primores*, não imagina com que força eu tenho de me agarrar á ideia de que essas palavras

são ditadas pela melhor das intenções... Reconheço que é uma esquisite; mas que quer?

— Não quero nada. Na verdade...

Na verdade, eu não estava com sorte.

Uma quasi escuridão enchia agora a sala. Dir-se-hia mais forte a brancura de alguns livros; a mão de Virginia Victorino, modelada em gesso sobre uma placa de madeira escura, parecia palpitar no seu recanto; e o piano, aberto, escancarava um sorriso de marfins polidos, um sorriso mecanico, inexpressivo, artificial; distinguui sobre ele uma especie de jarra em cobre rendilhado.

— Que é isto?

— Um perfumador arabe.



Virginia Vitorino, pianista

—Aguça a minha curiosidade...

—Quer ver? Dê-me fosforos...

Era já noite. Momentos depois, na lanterna antiga que pende do tecto, ao centro, brilhava uma luz roxa, impressionante, fria... Enquanto do perfumador se erguiam espaçadas volutas de fumo claro. Principiou a envolver-me um perfume quente de sandalo, de ervas desconhecidas, de especiarias. O meu olhar interrogou.

—Trouxe-o de Tunis. Gosto de queimar às vezes, por brincadeira, umas pastilhas especiaes que um perfumista me vendeu, jurando-me por Allah que são as mesmas que usa o *Bey*...

Sem dar por isso, sem a menor *pose*, sem abandonar o seu sorriso tão natural e tão fresco, Virginia Victorino envolvera-me a pouco e pouco numa atmosfera de sonho. Reminiscencias de Pompeia, panos orientaes pelas parêdes... Depois, na musica da sua

—E' curioso! Até aqui só as aranhas eram citadas como animaes dados á musica.

—Não sei. Talvez se lhe pegasse o meu enorme eutusiasmo...

—Entusiasmo, só? Eu já ouvi dizer que você é uma grande pianista... que pensa mesmo em dar um concerto...

—Gosto imenso, imenso de musica.

Iludiu a minha pergunta...

Alonguei a mão, sequiosa do setim se seu pêlo, para o misterioso Angora. Ergueu-se, afastou-se com uma soberana dignidade. Dizia no olhar os discursos que a pena de Colete poz na alma dos gatos, ou que os gatos puzeram na pena de Colete... Virginia Victorino domou-lhe a irritação; e nas mãos dela, feliz, *Toy* — é assim a sua graça — deixou fraquejar, indolente e flexivel, a sua vencida magestade. E' que as mãos de Virginia Victorino, em que só então reparei



Virginia Vitorino e um dos seus bons amigos (Clichés Garcez)

voz, o ritmo musical dos seus versos. Agora, numa luz extranha, rebuscada, impertinente, aquele fumo esbranquiçado e lento como um cortejo miniatural de albornozes brancos... Paralisara-me. Queria perguntar-lhe coisas, dizer da sua intimidade esses pormenores de que o publico é tão guloso. Via-me manietado, prêsso. Os seus olhos,

«Les yeux bleus qu'il sont verts et qui pourtant sont mauves».

como Rostand diz da *Princesse Sointaine*, pareciam perguntar-me o que fôra ahi fazer... Entrámos num novo silencio, mais embaraçoso. De repente, senti que alguém vinha sem cerimonia quebrar o nosso *tête-à-tête*. A porta abriu-se, empurrada com alma. Olhei. Era um soberbo Angora cinzento, de pêlo farto e olhos enormes; aninhou-se no *divan*, n'uma lentidão augusta de felino, e ficou de lá a olhar-me com o olhar agressivo dos gatos para os desconhecidos; Virginia Victorino explicou:

—E' inteligente, e tem uma particularidade rara: --gosta de musica. Assim que ouve o piano...

bem, não nasceram para encontrar resistencias... Brancas, de uma brancura que aquela luz tornava translucida, mordidas pelas scintilações embaciadas um anel antigo, coleavam sobre o corpo de setim felpudo, emoscávam-se ao pescoço de *Toy*, apertavam-lhe as orelhitas vivas, emplumavam-lhe a solemnidade sumptuosa da cauda. E insensivelmente o meu olhar prendia-se naquelas mãos, lia versos de amor em cada uma das suas atitudes...

Perto, um relógio inexoravel deu horas. Esquecêra-me que o tempo não pára... Resignei-me a sair deixando os meus créditos de entrevistador pelas ruas da amargura. Paciência.

—Adeus. Á sua casa é um palacio encantado

—Meu Deus! Um pobre segundo andar em Luz Soriano...

Estendeu-se para mim uma pequena mão; a sua graça coleante gelou-se na efusão convencional de um *shake-hands*. E saí, sentindo os olhos frios, muito frios, creio que de os ter pousado na scintilação cançada daquela anel antigo...

O ACONTECIMENTO DA SEMANA



Um aspecto do funeral do sr. dr. Antonio Granjo em Chaves, sua terra natal

(Cliché Salgado)

O funeral de Antonio Granjo em Chaves



A urna ladeada por officiaes companheiros de guerra de Antonio Granjo, junto ao monumento aos mortos da guerra



A casa natal de Antonio Granjo, em Chaves



O jazigo da familia de Antonio Granjo. Ao fundo, uma das protegidas do desditoso presidente de ministerio

(Clichés Salgado)

TEATROS

BICHINHA GATA



A «Bichinha Gata» é uma revista que faz carreira, ao contrário do electrico que aparece num dos quadros, uma revista que segue o seu destino sem grandes discussões na plataforma...

O sr. Otelo de Carvalho, que lhe custava caber nos nossos palcos de declamação, cabe lindamente num palco de revista. Fica ali ás mil maravilhas. A sua caricatura do condutor de electrico é uma obra prima. Verdade seja que encontrei, outro dia, num carro, um condutor que era uma excelente caricatura do senhor Otelo de Carvalho...

L AURA COSTA, na deslumbrante exhibição das suas costas magnificas, alcançou o direito de figurar nos cartazes com o nome de Laura Costas...

O numero dos pierrots podia ser um numero feliz se fosse bem apresentado. Assim é um numero de pierrots...



ANTONIO GOMES é feliz no seu papel de *compere* e no papel das notas do Banco de Portugal que recebe todos os meses.

O publico delira com o numero da polca, como delirou com o Ganga, como delira sempre que lhe tiram um retrato *à la minute*. Não ha ninguem mais cruel para o publico do que o proprio publico...

Desenhos de Bernardo Marques

ERNESTO RODRIGUES, Felix Bermudes, João Bastos e Lino Ferreira já não se cansam muito para ter graça. Na *Bichinha Gata* vão até á Graça de carro.

NAS revistas portuguesas o fado é inevitavel. O fado é a cocaina do nosso povo.

L AURA COSTA é a actriz ideal para uma «boite» —para uma «boite» de pó de arroz...

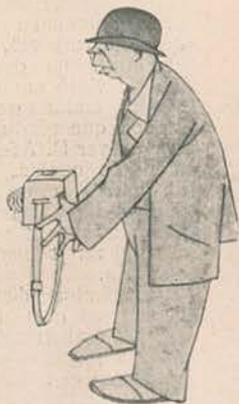
O quadro das cabeleiras está a precisar tesoura...

A «Bichinha Gata» principia no ceu para principiar, de qualquer forma, no telhado...

NAS revistas portuguesas falta, acima de tudo, o bom gosto. Ele nunca será possivel entre nós. Em Portugal ter bom gosto é ser futurista. Poirer, — o feiteiro de Paris — que sabe vestir uma revista como sabe vestir qualquer mulher, passaria como doido entre nós. Em Portugal as revistas vestem-se como creadas de servir, como creadas de servir um publico sem exigencias.

EVOCAR o passado numa revista é ridicularisá-lo, é dar-lhe modos de *ché-ché* cambado..

¶TIRA-LINHAS



MEMORIAS DE SUA ALTEZA O DUQUE DO PORTO

PUBLICAÇÃO AUTORIZADA PELA SENHORA DUQUEZA DO PORTO

(CONTINUAÇÃO)

TAL foi a mocidade do Príncipe D. Afonso. Envelheceu, mas nunca o fogo do seu sangue ardente se apagou e disso lhes vou dar um exemplo.

Nas lindas janelas do palacio de Napoléon havia um recinto murado no fundo de um lance de escadas que ia ter ao cais particular do Rei, onde a agua tem grande profundidade; a agua do recinto era igualmente bastante profunda, uns quinze pés. Este recinto chamava-se a «Banheira da Princesa». D. Afonso temendo que a princesa se afogasse, mandou colocar uma corda forte presa em anéis de ferro dum lado ao outro para se segurar; tratou ele mesmo disso, preparando as cordas e collocando-as cinco meses antes de sua morte e alguns dias antes de cair á cama.

O primeiro automovel que appareceu em Lisboa pertenceu a D. Afonso. Era um «Panhard» que ele proprio guiava; tinha por lanterna uma velinha que muitas vezes se apagava, com grande aborrecimento do Príncipe, no meio da sua corrida louca pelas ruas da capital.

Entre os tesouros mais caros da sua triste Princesa contam-se as velas desse automovel, que foi encontrar na garage da Ajuda, vinte anos depois.

Ha muita gente em Lisboa que ainda se lembra de ver D. Afonso deitado de costas, debaixo do carro, a concerta-lo depois duma panne, pois não confiava esse trabalho a nenhum *chauffeur* ou operario.

Momentos depois levantava-se com as mãos sujas, mas sorrindo e conversando com o povo, que aplaudia e achava bem feito tudo quanto fazia esse Príncipe tão querido e popular.

Durante uns trinta anos passeiou todos os dias de automovel pelas ruas de Lisboa, fazendo prodígios de celeridade, enquanto o povo, atonito, o via passar como um redemoinho.

Trazia consigo, tanto em Italia como em Portugal, uma licença para mostrar á policia quando esta se queixava do excesso de velocidade.

Nunca perdia a serenidade nos maiores perigos.

Um homem que, por milagre, escapára de ser atropelado, dizia do regio *chauffeur*:

—O Príncipe anda como um ciclone, mas tem olhos de lynce.

Adorava, como já dissemos, todo o sport e tinha tanto empenho em arranjar muito tempo para se entregar aos seus exercicios que o seu ajudante chegou a encontra-lo a almoçar servido por dois

creados enquanto ao mesmo tempo lhe faziam a barba.

A sua especialidade nos exercicios maritimos consistia nas regatas. O que o atraia em particular era o perigo que corria, divertia-se imenso sabendo que a gente na praia o contemplava, retendo a respiração, julgando ver, a todo o momento, virar-se o barco que tripulava. Comtudo, se isto se desse ser-lhe-ia indifferente pois sabia muito bem nadar e pôr de novo o barco a fluctuar.

Aos trinta anos, ainda convalescente, com grave ataque de febre tifoide, comandou uma expedição para a India e, levando o estandarte de Vice-Rei, defrontou-se com o inimigo.

Era um belo espectáculo ver este formoso Príncipe á frente dos seus 800 homens, todos eles antigos

criminosos, valentes como espadas, a quem o Infante denominava, rindo, os seus galerianos.

Mas, tão bom general como *sportsman*, realiso grandes feitos com este singular exercito.

Á viagem de D. Afonso, tanto na ida como na volta da India, foi cheia de peripecias, tendo-o os seus «galerianos» incomodado por diversas vezes durante o caminho.

O meio porque preferia dominá-los era deitar-lhes agua bem quente pela cabeça, para que não houvesse reincidentes.

Quando D. Afonso chegou á India fizeram-lhe uma magnifica recepção, oferecendo-lhe grandes banquetes e bailes.

O Príncipe, que se occupára durante a viagem em estudar os mapas conscienciosamente, deu ordens para o aquartelamento dos soldados como se já tivesse vivido por largos anos no paiz. Todos se admiraram, mas era um característico deste Príncipe fazer o que emprendia, com o maximo cuidado e minuciosa preparação.

Em muitas occasiões chegava ao palacio coberto de lama e com as botas rotas pelas pedras dos pessimos caminhos por onde passára com os seus soldados depois da batalha: Uma vez mataram-lhe um cavallo que montava; sem se preocupar com o perigo por que acabava de passar, lastimou o animal a que se afeiçoára.

Mais tarde o intrepido Príncipe esteve exposto aos ardentés raios do sol durante o dia e ao frio intenso das noites. Foi uma expedição extremamente perigosa.

Faltou-lhes por vezes o pão que os ingleses lhes forneciam de Bombaim e escasseou-lhes toda a especie de alimentação, sustentando-se eles apenas de bananas cozidas e batata doce.



D. Afonso, fardado, aos 21 anos, D. Carlos ainda Duque de Bragança e a Rainha D. Maria Pia

Depois de muitos sofrimentos e privações o Infante e seus valentes companheiros sufocaram a insurreição.

Depois duma renhida luta um official indiano disse estas palavras que textualmente reproduzimos:

—Se não fosse um Principe Real seria hoje um heroi. Vi-o em Satary e impressionou-me o seu sangue frio.

E' um valente official que incute coragem ao mais fraco.

As tropas tiveram vivos recontros com os indigenas. Mas, finalmente, após um ano de luta, D. Afonso, á testa dos seus soldados, como sempre, conduziu-os contra o bando mais poderoso dos insurrectos, encontrando um papel pregado na porta do chefe com estas palavras escritas:

—A tribú gloriosa de... recusa-se a combater contra um Principe de Portugal!

E assim acabou a revolta.

Depois de assinar o decreto de amnistia, o Principe D. Afonso, o mais valoroso e amado dos vice-reis portugueses dispoz-se a voltar a Portugal.

Antes da sua partida puzeram, com grande cerimonia, a uma das ruas de Penem o nome de D. Afonso Henriques, Duque do Porto.

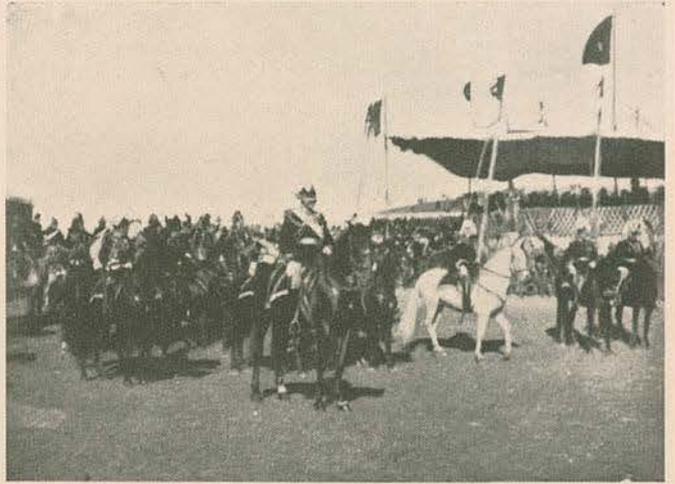
O club Vasco da Gama deu em sua honra um jantar e baile, que, pelo brilhantismo evocava um conto das Mil e uma noites, ao qual o Principe correspondeu, oferecendo uma festa no palacio de Gôa, em que se ostentou a conhecida magnificencia dos principes portugueses.

A' sua partida ofereceram-lhe muitos presentes, entre os quaes se viam animaes raros, chegando a Lisboa com um verdadeiro Jardim Zoologico.

Um dos *rajahs* deu-lhe uma enorme tartaruga,

punho formado por brilhantes e outras pedras preciosas.

Um dos *rajahs*, obedecendo a uma velha tradiçào, quiz dar a D. Afonso uma rapariga de grande beleza.



D. Afonso, regente em Portugal quando D. Carlos visitou França, passando uma revista ás tropas

Esta dadiya embarçou em extremo o timido Principe; o *rajah*, reparando nisso, não insistiu. Muitos artistas indios fizeram-lhe o retrato. Era popularissimo.

Mais tarde viam-se na sua casa de jantar do Palacio d'Ajuda quatro enormes dentes de elefante, collocados ali pelo proprio Principe e a desolada princeza, quando da sua primeira visita a Lisboa, já depois de viuva, reconhecendo as recordações do seu Funço, chorou ali copiosamente sobre esse marfim amarellecido pelo tempo.

Era tambem n'aquelle palacio que ele guardava todas as recordações da India e alli ficaram durante os nove anos do seu exilio.

Quando da sua estada na India foi recebido com todo o fausto por Lord Curzon e o principe falava com admiração da beleza de Lady Curzon, americana de nascimento.

Uma moite em Bombaim passeando incognito com os seus officaes mandou fazer duma libra uma aliança que mais tarde na cerimonia catolica do casamento deu á princeza para lhe meter no dedo.

Sua Alteza Real a princeza contou que tinha experimentado uma sensação de surpresa muito agradável, quando no momento em que D. Afonso lhe metia no dedo o pequeno anel que tinha comprado o viu remexer na algibeira do colete e tirar dali um grande anel para ela lh'o collocar por seu turno no anelar da mão esquerda. Só depois soube a historia desse anel. Trouxe tambem de Bombaim muitas pedras preciosas e grandes blocos de madeira, especialmente



D. Afonso, acompanhado do seu estado maior, quando vice-rei da India Portuguesa, unica epoca em que usou barbas

tendo cravejada nas costas uma grande esmeralda, cercada de brilhantes.

Outro, deu-lhe um imenso tecido cujos espaçosos bordados de ouro valiam uma fortuna.

Tambem o presentearam com uma espada, sendo o

remexer na algibeira do colete e tirar dali um grande anel para ela lh'o collocar por seu turno no anelar da mão esquerda. Só depois soube a historia desse anel. Trouxe tambem de Bombaim muitas pedras preciosas e grandes blocos de madeira, especialmente

ebano, de que fez, ajudado pelos carpinteiros, coisas muito interessantes.

Quando voltou para Portugal vinha muito forte e gordo, pesando 110 kilos. Deixou crescer as barbas, o que muito divertiu o irmão, que lhe pediu comtudo que as cortasse.

Existe em Goa um esplendido retrato em tamanho natural, de D. Afonso, o mais amado de todos os vice-reis portugueses. A sua viúva ainda manda dizer missas nas igrejas da cidade, todos os dias 21 de Fevereiro, por alma do Príncipe Herdeiro.

A expedição á Índia foi a mais importante de todas as missões confiadas ao irmão do Rei, que esteve tambem em Berlim e em Hespanha como tenente-coronel honorario e em Inglaterra e na Italia, onde era querido por todos. Mas esta guerra na Asia para dominar os indigenas rebeldes, foi o periodo heroico da vida de

D. Afonso. Deu um maior prestigio a esse Principe, cuja vida até ali se passara entre cavalos, barcos, automoveis e sport.

Quando, depois do seu regresso, D. Afonso foi mandado comandar a artilharia de Queluz, persistiu no seu amor ás emprezas perigosas e teve os seus homens em constantes exercicios.

Não se preocupava nada com a sua jerarquia e andava quasi sempre vestido com a sua camisola de malha e gorro hespanhol.

Um dia, andando assim vestido, foi chamado por uma sentinela; aproximou-se surprehendido perante tanta audacia e não percebeu o motivo senão quando o recruta lhe disse:

—Você conhece o Infante D. Afonso?

—Conheço, sim... porquê? respondeu o Principe na sua voz forte.

—Quero que m'ò mostre se estiver por aqui quando passar, para eu fazer a continencia.

—Está bem. Mas mesmo que não lh'a faça, não tem duvida, ele não se importa, não te rales com isso.

Dizendo isto D. Afonso entrou, sorrindo, para o palacio.

Ao mesmo tempo um dos creados foi ter com a nova sentinela e perguntou-lhe.

—De que falaram vocês?

A sentinela, muito naturalmente, repetiu-lhe a conversa e o creado, horrorizado, exclamou:

—Mas homem de Deus, foi com o proprio Infante que falaste.

Ao ouvir isto a sentinela cafu com uma sincope e foi levada em braços para o quartel.

Quando D. Afonso soube do caso mandou-lhe uma garrafa de vinho do Porto e disse ao ajudante:

—Que diabo! o rapaz não teve culpa; quando um Principe anda assim vestido, é natural o engano.

Detestava a politica e despresava em absoluto

toda a especie de intrigas; as cerimonias da côrte aborreciam-no e levava uma vida perfeitamente à margem de todas essas coisas. Detestava a ostentação. As suas refeições eram rapidas e modestas, não gostando de ter muita gente em volta de si, quando comia.

Tambem lhe desagradava ser acompanhado por policias secretas como acontece com frequencia aos Principes. Não acreditava nos politicos e quando queriam discutir com ele voltava costas e ia para as cavalariças ou para a sua garage.

Quando a Rainha teve uma doença nervosa andava frenetico, quasi doido. Adorava-a e tinha por ela um grande culto; foi a sua confidente em todas as horas amargas e choravam juntos nos dias desoladores que precederam a revolução.

D. Carlos tambem se sacrificou muito por sua mãe e muitas vezes se aconselhou com ela durante o seu reinado. Mas D. Afonso adorava-a cegamente, não lhe reconhecendo defeitos.

Numa occasião de dificuldade financeira em que D. Maria Pia se viu obrigada a vender algumas joias, D. Afonso estava perfeitamente desolado, os proprios creados conheciam o seu desespero. Um deles que o vira nascer, vindo-o a passear de um lado para o outro, agitado por saber o que se estava passando nos aposentos da mãe, tentou consolal-o dizendo:

—Sim meu Senhor, mas ela...

—Ela! trovejou D. Afonso furioso. Tratas minha mãe, a Rainha, por ela!

Ela com E grande, meu senhor, respondeu o creado, escrevendo a letra E no vidro embaciado da janela:

José Bento, um celebre toureiro português, era um favorito de D. Afonso. Quando esteve em Lisboa, a princesa mandou chamar este

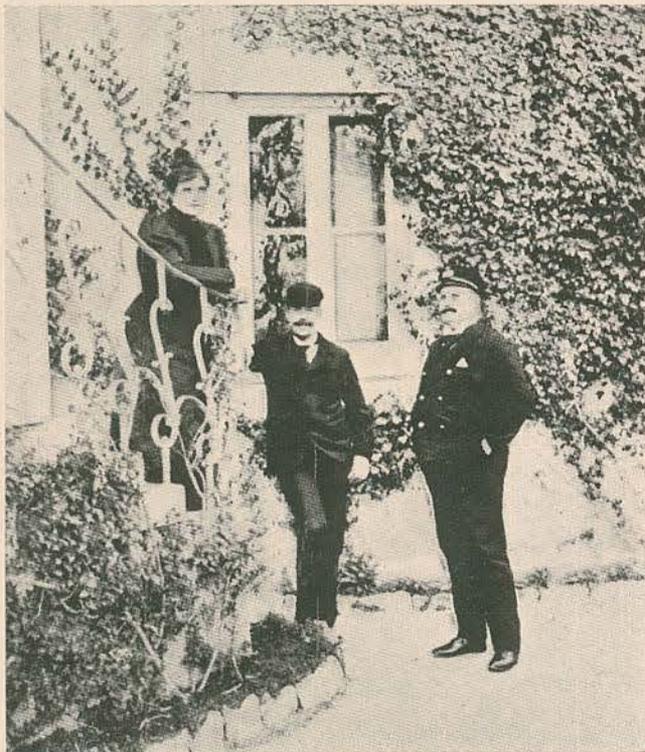
homem que é hoje um velho, e perguntou-lhe porque é que D. Afonso teria falado nele na sua ultima doença, não o tendo visto havia dez anos, e não lhe tendo nunca pronunciado o nome durante todo esse tempo.

—Que laço havia entre vocês para assim reavivar a sua memoria? perguntou ela.

Bento respondeu:

—O principe era um valente e eu tambem fui um valente.

Depois, com os olhos rasos de lagrimas, contou muitas historias da coragem e valentia de D. Afonso, que ia muitas vezes passar dias com ele, entre os toiros, correndo nesses passeios graves riscos.



A Rainha sr.^a D. Maria Pia depois da morte do sr. D. Luis. D. Afonso depois de um terrivel ataque de febre tifoide e o Rei D. Carlos, seu irmão, na casa da Rainha, situada no Estoril

(Continúa)

CANÇÃO BARBARA

O meu amor, — novo amor...
E' uma cigana magrita
Que eu não sei bem se é bonita
Ou se é de eu o supôr...

Tem uns olhos bem ciganos,
Muito grandes, sensuaes,
Onde ha taras ancestraes
Volupias com milhões d'anos.

Crepita-lhe entre as pestanas
Um mundo de chamas pretas
Que me evoca pandeiretas,
Ursos sabios, caravanas...

O narisito é adunco,
Um vôo d'aza as narinas,
E o corpo, de formas finas,
E' fininho como um junco.

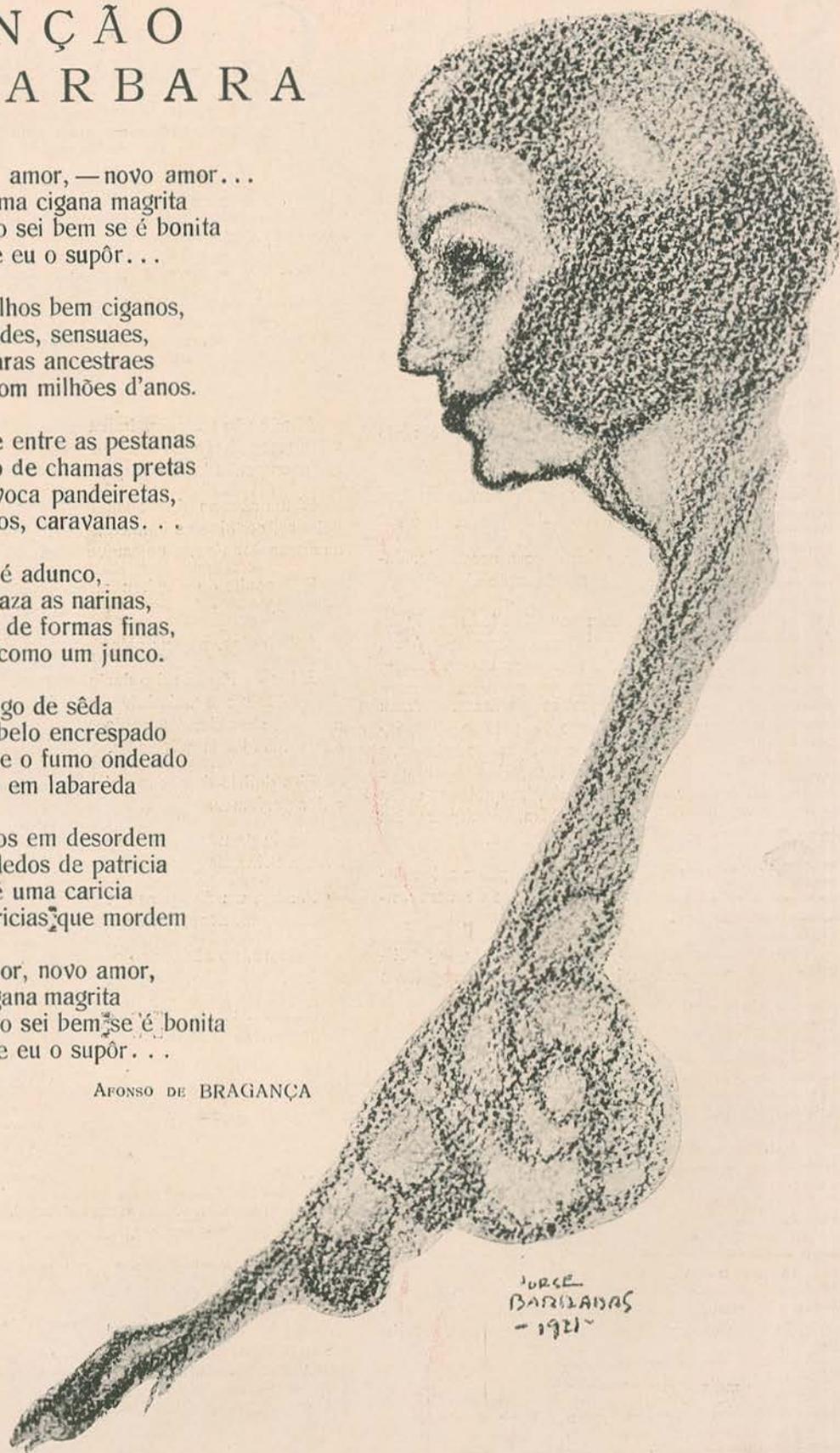
Oh! O afago de sêda
Do seu cabelo encrespado
Que parece o fumo ondeado
Do corpito em labareda

Dos cabelos em desordem
Aos seus dedos de patricia
Toda ela é uma caricia
Dessas caricias que mordem

O meu amor, novo amor,
E' uma cigana magrita
Que eu não sei bem se é bonita
Ou se é de eu o supôr...

Maio 1919

AFONSO DE BRAGANÇA



JURGE
BARBADA
- 1921

SONHO DE OUTOMNO

NO Palacio encantado do Principe das Chymeras longinquoas, fechado entre largos rios que o abraçam e o estreitam, ha, na noite triste e fria, uma vida e uma animação que enchem de espanto as estrellas distantes, e tornam mais vaporosas e assustadas as aguas indolentes dos rios.

Nas torres altas do Palacio, longas bandeiras franjadas de ouro, e leves pendoens de neve e purpura batem as suas azas em movimentos que são quentes como palmas.

Pendem das rasgadas varandas de pedra, colxas de damasco vermelho, debruadas de prata, por meio das quais descem grinaldas de rozas e de lyrios.

Milhares de folhas de açucenas brancas atapetam as escadarias de marmore.

Pelas janellas abertas, sai a doce e suave claridade das luzes veladas dos candelabros de ouro.

Uma bruma lactea luminosa envolve todo o Palacio, como se de todo elle irradiasse para atmosphera, a alegria que, dentro delle, faz passeiar seos sorrisos.

Nos Saloens do Palacio que os perfumes tornam mysteriozos e recolhidos como templos e divindades seculares, e que as flores, e os setins, e as luzes, e os espelhos, e os chrystais, e as tapeçarias encantam e enfeitçam, nos saloens do Palacio, ha qualquer coiza de muito bello que se não entende bem, e qualquer coiza de muito grave que nos deixa pensativos.

O Principe erra como sonnambulo pelas salas desertas, com seos olhos profundos cheios de uma anciedade enigmatica.

Ha nos gestos das suas mãos invejadas, que a solidão emagreceo e afinou, lentas curvas interrogativas e infinitas.

Ha nos seus passos, os vagos passos das sombras.

As horas deslisam devagar, nas mudas ampulhetas de bronze . . .

E o Principe das Chymeras longinquoas aproxima-se da varanda maior do Palacio, e olha com manifesta inquietação, a payzagem callada da noite fria.

Primeiro, — a sua bocca teve uma contracção ligeira de enfado. Os seos olhos ficaram mais tristes. Parecia até que a alegria do ar o magoava.

Depois — os seus olhos fixaram-se num ponto distante da noite, e a sua face encheo-se de uma gelada pallidez.

E mais a mais a sua attenção se fixava no ponto distante da noite, luminoso e crescente.

E aos seos ouvidos, chegaram muito tenues, como o passar de um sonho, muito doces, como o coração

de um espirito melodias extranhas de vozes que ninguem ouvira

Não se sabia se eram as agoas dos rios murmurando seus cantares, se as estrellas dos ceos dizendo seus sonhos religiosos.

Mas o ponto distante da noite era já um clarão luarento como alvorada caminhando...

E o Principe, os olhos illuminando-se, a boca contente, retirou-se para o Salão, para o Salão das esmeraldas e esperou...

Já não são melodias indistinctas: todo o Palacio vibra mergulhado em sons de vozes de prata, cantantes acompanhadas de harpas e de violas.

E' um oceano de ritmos que invade e alaga os saloens, envolve as bandeiras, beija as flores, afaga as agoas dos rios, e commove as estrellas dos ceos.

E' o sonho do Orpheu magestatico e surprehendente...

O Principe, na sua sala de esmeraldas, espera...

A luz do Palacio é o deslumbramento maximo. As flores dão o seo mais intenso perfume. As bandeiras agitam-se em alegrias doídas. Os damascos resplandecem. As luzes avivam-se.

E' o delirio dos sons — dos sons, das luzes, da côr e dos perfumes.

E pela grande porta do Salão das esmeraldas, — Ella, a Princeza que o Principe aguardava, entra...

Partira, um dia, para ignoradas terras, levada por ignorados motivos, em uma hora ignorada e triste.

Deixara, no abandono e na magoa, o Principe, seo senhor.

Deixara, na tristeza e no desconsolo, os olhos do Principe, seo senhor.

Deixara, no frio e na viuvez, as mãos cariciozas do Principe, seo senhor.

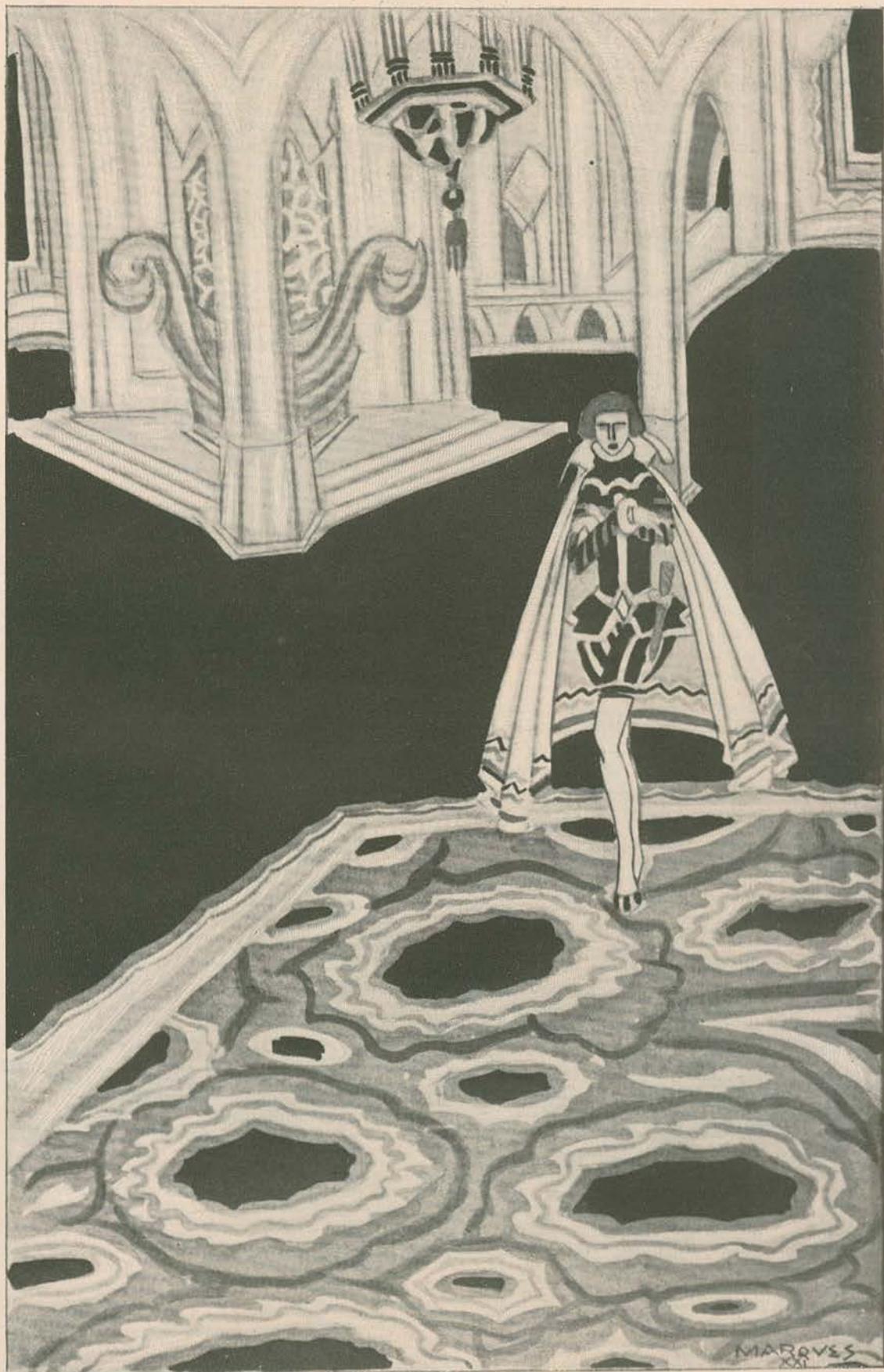
Deixara na amarga saudade, e na desesperada desolação, a bocca voluptuoza do Principe, seo senhor.

Deixara na incerteza e na canceira, o amor infinito do Principe, seo senhor.

E entrara a agonia do viver, nos saloens do Palacio. Entrara a morte no coração do Principe.

Mas ao fim de seculos de auzencia, durante os quais sempre o Principe a esperara, a Princeza entrava pela porta maior da sala das esmeraldas, vagarosamente, num alheiamiento de encantada, regressando do seo exilio.

Vinha bella como nunca, Ella que sempre fóra bella.



MARQUES
XXI

Trazia os cabellos pelas costas, compostos em duas tranças serpentinadas. Os olhos tinham o verde da sua côr, mais mysterioso e mais profundo. A bocca mais viva e mais ardente, tinha a forma de um beijo. E no seu andar havia o ritmo das pombas voando em vôos de amor.

A Princeza entrava...

Cobria-a uma tunica de damasco verde, afogando-lhe o pescoço uma gargantilha de esmeraldas antigas. Na mão esquerda, aneis de esmeraldas. Na mão direita, um lyrio nevado, — o lyrio que ella colhera, ao entrar no Palacio.

E o Principe avança para a receber: abriu os braços num grande abraço de amor, e fechou-a no seo abraço, no seo grande abraço de amor. As duas boccas encontraram-se. Os seus corpos uniram-se na anciedade indefinida duma saudade misterioza.

E as suas almas confundiram-se no desejo mais ardente e mais intenso que as almas podem sonhar.

Quando se afastaram, para os olhos de um poderem vêr nos olhos do outro a sua propria imagem, as janellas do Palacio tinham-se cerrado, as muzicas tinham emudecido, as luzes dos candelabros tinham-se velado mais.

A Noite fechara-se inteiramente. O silencio descerá. Descera o mysterio, Só eram mais vivos os perfumes e mais bellas as flores.

E a Princeza e o Principe, as mãos nas mãos, os olhos nos olhos, como se fossem inspirados pelo mesmo instincto, e levados pelo mesmo sentimento, disseram um ao outro, entre as luzes que morriam e os perfumes que os embalavam — *para sempre! para sempre!*

E agora, quem passa perto do Palacio, e o vê fechado, impenetravel, mal sabe, que dentro delle vive, divinamente bello, o Amor que não morre, e nada enfraquece, — nem a vida com os seus caprichos, nem a morte com as suas sentenças inexoraveis!

22—11 1920.

ALFREDO PIMENTA



Ilustrações de Bernardo MARQUES

OS PINTORES PORTUGUESES

EDUARDO VIANA



A Ribeira (Porto)—Eduardo Viana

EDUARDO VIANA consagrado entre os novos não é ainda um consagrado para o publico. É preciso que o seja, é preciso que Portugal conheça este pintor, este pintor forte, de tintas herculeas, um pintor que decidiu ser alegre numa terra de tristes, que pôs as suas telas a cantar, que tem como seu modelo predilecto, um modelo que posa sem cansaços, o sol da nossa terra, a maior força viva desta patria infeliz. Eduardo Viana é o pintor da geração, o pintor que molhou o seu pincel no sangue da Hora, da Hora vermelha que vivemos. Os seus quadros sangram, encharcam-nos os olhos, põem-nos a alma a rir, miniaturizam-nos em sol o coração. Eduardo Viana é o nosso pintor, o pintor dos novos, o pintor que nos retrata em tudo quanto pinta, nas paisagens grotescas e bailadas, na expressão fisio-



Rendilheira de Vila do Conde (quadro a cera), Eduardo Viana

mica das cidades, nas figuras populares ingenuas como barros, nas naturezas mortas que Eduardo Viana ressuscita... É escusado procurar pôr dúvidas à sinceridade deste pintor. Na sua Arte não ha *trucs*, não ha disfarces. A sua Arte tem uns olhos rasgados, sinceros e profundos. Basta olhar os seus quadros, basta fitá-los, basta ouvi-los... Eles não têm subtilezas, não têm argúcias, não têm hipocrisias, têm verdade, aquela verdade que existe na alma de cada um, aquela verdade que, para o ser, precisa focar-se como uma mentira... A Verdade do Artista é sempre a mentira dos outros. Que me importa que as arvores, as casas, as figuras de Eduardo Viana se não pareçam, por vezes, com as arvores, com as casas, com as figuras que existem para os outros. Alguem pede satisfações à natureza? Porque pedir,



Esquisso dum retrato da distinta actriz Ester Leão, (Eduardo Viana)

portanto, satisfações à Arte? As coisas existem como nós as vemos. Quanto mais interpretações houver sobre a vida, sobre os seres, sobre as coisas—maior será o Mundo. . . Se a Terra está descoberta completamente, ainda o não está a Arte. Em cada Artista ha um navegador!

Para Eduardo Viana a Côr é o segredo da Vida e o segredo da Arte. Ele informa-se das côres duma paisagem como alguém pode informar-se das qualidades dum homem. Para ele as côres são as qualidades morais duma paisagem, duma paisagem que pode ser um farrapo da Natureza ou um corpo de mulher.

Para Eduardo Viana tudo é paisagem, tres arvores em conversa, um vestido—conto da carochinha, uma casa velha com expressão de Tântalo. Ele pinta o interior duma casa como quem pinta uma paisagem—sempre com a colaboração do sol. Na sua Arte, as arvores e as mulheres parecem-se singularmente. Eduardo Viana é um dos raros pintores que compreendem o pensamento de Deus. Em tudo ha o mesmo sopro, em tudo ha a mesma logica. A Alma não muda. O corpo é que é diferente. Naturezas mortas é coisa que não ha. A Natureza é sempre viva.

Eduardo Viana é um dos maiores pintores portugueses porque é um dos raros que tiveram as tintas do seu pincel primeiramente a correr-lhes nas veias. Ha quem negue a Eduardo Viana o seu portuguesismo, o seu indiscutível portuguesismo. Ser português, em Arte, para muitos, é não quebrar a patine da raça, é deixá-la em ruina, é não lhe dar restauro. Tem sido esse o nosso mal. As patrias renovam-se, as patrias são telas que se pintam muitas vezes. Deixe-se o passado como pano de fundo. O primeiro plano, no entanto tem de ser de hoje, tem de vibrar com a hora. Eduardo Viana é um pintor português porque ninguém como ele sabe dar a nossa luz. Eduardo Viana e o sol são dois pintores amigos. Que culpa tem Eduardo Viana de que os portugueses andem sempre de cabeça baixa, ignorando o sol, ignorando o maior privilegio da nossa raça. Eduardo Viana, o grande pintor de quem acabo de traçar o rapido perfil, acaba de ter uma consagra-

ção, a consagração de ter sido recusado, como socio, pela Sociedade Nacional das Belas Artes. Eu assisti, como espectador, à reunião em que Eduardo Viana, foi consagrado com os melhores nomes da geração, na honrosa recusa. Há muito tempo que eu não assistia a um espectáculo tão desolador, ha muito tempo que a minha inteligencia não topava com tamanha mediocridade. Bastará dizer-se que houve alguém, com geral aplauso, que propôs fazer-se da Sociedade Nacional das Belas Artes uma Associação de Classe. Teve afinal, razão quem tal propôs. Ali não ha artistas, ha artifices. O argumento mais vivo da insignificancia desses senhores que não são velhos porque não se fazem respeitar, está no pavor, que os sacudiu, ao sentirem imminente a entrada dos novos numa Sociedade que lhes pertence, não obstante a sua ignorancia do que sejam Belas Artes...

Se eles estivessem bem conscios do seu valor, que se importavam com essa inundação de sangue moço. A sua obra lá estaria a defendê-los, a sua obra seria o dique com que eles deteriam essa inundação. A Sociedade Nacional das Belas Artes acaba de fechar as suas portas a uma geração inteira. Nada tem portanto, a esperar dessa geração. Por mim, perdi todo o respeito a quem não me soube respeitar, a quem não soube respeitar a minha mocidade, a quem ousou falar da inexperiencia dos novos.

Pertenço ao numero dos que não foram admitidos socios da Sociedade. A Sociedade Nacional não me admite... Estamos quietes. Eu tambem não admito...

Eduardo Viana parte em breve para Paris, onde os artistas fazem o publico, ao contrario de Portugal onde os artistas são feitos pelo publico.

Em Paris não ha artistas velhos nem artistas novos. A Arte é que é sempre nova, a Arte é que é sempre a mocidade da vida. Quando nós falamos dos velhos—atentem bem!—falamos nos artistas de todas as idades que andam na vida como nas galés. Com eles não queremos nada. Com esses nada tem que ver Eduardo Viana, o amigo intimo do Sol, gloria duma geração, duma geração que tem nas suas mãos os destinos da Raça...



O pintor Eduardo Viana

AS VELHAS TERMAS



DA LUSITA- NIA

Cabeça de estatua encontrada nas ruínas de Milreu

AO contrário do que muitos julgam, o aproveitamento das propriedades terapêuticas das águas medicinais não principiou no tempo dos romanos. Muito antes das legiões terem vindo á conquista da Lusitania, já os povos que habitavam esta facha da Península recorriam ás águas para curar suas doenças. Nesses tempos longínquos, em que a medicina fazia parte da religião, julgava-se que tais águas tinham virtudes sobrenaturais e divinas; por isso cada fonte era protegida por um deus milagroso e bom, a quem os doentes curados erigiam monumentos de gratidão e piedade.

Este culto das fontes e dos deuses que ás curas presidiam foi passando de geração em geração, até aos nossos dias — vestígio ancestral que o folclore conserva. Mas a reminiscência dessas crenças não se encontra só na memória colectiva e tradicional do povo, dela também restam monumentos que a arqueologia estuda.

Estacio da Veiga refere-se a uma lápide votiva de origem pre-romana, dedicada a uma divindade fontanária, achada em Alcoutim, no Algarve.

Em Braga, no quintal do Idolo, perto da igreja de S. Marcos, o sr. professor Leite de Vasconcelos estudou as inscrições duma fonte romanizada, dedicada a um deus lusitano, o que prova ser o culto desta fonte pre-romano, embora o monumento tenha sido romanizado.

Em Vizela acharam-se lápides, onde se fala de deuses lusitanos, de origem celta, ou talvez pre-celta, e moedas tendo gravados caracteres iberos.

II

Aproveitaram os romanos estas fontes santas e muitas outras descobriram, levantando na Lusitania, como em Roma e nas mais afastadas províncias do Império, grandiosas e soberbas termas, onde ainda os deuses figuravam — mais como ornamento do que como divindade. Para os romanos eram as termas os mais agradáveis centros da moda e do prazer. Elas rivalizavam com os templos dos deuses, tanto na sua

sumptuosidade, como nas maravilhas de arte a que serviam de motivo.

As mais celebres termas romanas da Lusitania foram: *Thermae Cassiorum* (Lisboa), as de *Cetobriga* (Troia, na foz do Sado), as de *Milreu*, na opulenta cidade de *Ossonoba* (Stoy, no Algarve) as de *Aquae Flaviae* (Chaves) e *Aquae Tarraconenses* (Canavezes).

Quando foi da reconstrução pombalina de Lisboa descobriram-se as ruínas dumas termas, onde hoje fica o cruzamento da rua da Prata com a rua da Conceição. Eram as termas de Esculapio de quem foi achada uma estatua. Não eram, segundo alguns autores, estas termas de Esculapio as célebres termas Cassianas. As termas Cassianas estavam sob a protecção de Apolo, mais acima na encosta do castelo, onde hoje é a rua das Pedras Negras. Supõe-se que as ruínas das termas Cassianas estão por debaixo do palácio dos condes de Penafiel.

Com estas termas de Olisipo diz-se que rivalizavam as de *Cetobriga*, na margem esquerda da foz do Sado, onde hoje fica a praia de Troia.

Escavações modernas teem posto a descoberto, nesta praia, não só as ruínas dumas termas, como toda uma vasta povoação, com o seu templo a *Jupiter* de altas colunas e trabalhados capiteis, o seu teatro, os seus depósitos de conserva de peixe, o seu cais e o labirinto das suas ruas, ladeadas de confortáveis habitações — isto é os restos evocadores da religião, da arte, da indústria, do comércio, enfim, da vida de trabalho e de prazer duma opulenta cidade desaparecida.

As termas de *Milreu*, na célebre e também desaparecida cidade algarvia de *Ossonoba*, deixaram de si memória imorredoura e ruínas notáveis que modernos arqueólogos teem estudado, tais como: vastas salas e recintos, fonalhas, jardins, piscinas, mosaicos maravilhosos e estátuas da mais fina escultura.

De *Aquae Flaviae* e de *Aquae Tarraconenses* quasi mais nada resta do que a tradição vaga do seu remoto esplendor.

Em compensação, de termas romanas pouco importantes, de que a historia não reza, ficaram vestígios notáveis.

Assim que em Vizela se acharam altares, lápidas, banheiras, piscinas de rico mosaico, moedas, utensílios, etc.. Em Taipas, também piscinas, lápides, colunas, canos de chumbo e moedas de Trajano.

Em Caldela ainda se podem ler inscrições romanas que são ex-votos de doentes curados.

Por toda a parte, onde uma fonte medicinal brota, os vestígios dos romanos é quasi certo. Em S. Pedro do Sul: um altar a

Jupiter; em Monte Real e em Cabeço de Vide: mármore trabalhado; em Aljustrel, onde os romanos já exploravam as minas: uma placa gravada *lex metali Visparcensis* onde se fala das termas; no Gezez: marcos miliários da estrada romana de Geira; em Monchique: um bronze artístico, etc., etc.

Mas de todos os vestígios de termas romanas da Lusitania os mais notáveis são os de S. Vicente, em Entre-os-Rios, não pela sua magnificência, visto serem dum modestíssimo *belineum*, mas pelo seu relativo bom estado de conservação. Ao dr. José Fortes, do Porto, se deve o estudo d'este monumento arqueológico, formado pelos alicerces e as meias paredes dum *belineum* romano, com todas as suas dependências, onde ainda se vêem as banheiras, as piscinas e os aquedutos, uma estufa, e restos de canalizações e duma fornalha.

A estas ruínas de S. Vicente dedicou, ha anos, na *Ilustração Portuguesa*, um primoroso artigo de evocação histórica, o illustre escritor sr. Carlos Malheiro Dias.

III

Depois dos romanos vieram os bárbaros, inundação imensa de ondas caudalosas, rolando do norte e noroeste a ir-se amortecer, ao sul, nos vastos desertos da Africa. Entre os escombros dos templos, de que tombaram as colunas e mutilaram as estátuas de mármore fino e soberba escultura, ficaram as ruínas das derrocadas termas. Debaixo do entulho que as muralhas dos burgos medievais calcaram, tem jazido as banheiras de mármore branco, as piscinas de coloridos mosaicos, os frescos e os esmaltes dos muros decorados, as ânforas preciosas de Tyr, Sorrate, Sidon e Alexandria, onde eram guardados os bálsamos e oleos raros.

Foram os árabes que, trazendo do Oriente os res-

tos da civilização de Bizancio e Alexandria, deram novo alento ás esquecidas termas. Na Alcaçova, por entre a ornamentação de arte levantina, a agua tomba e repuxa, refrescando jardins interiores e alagando salas de hidroterapia. Além disso os banhos publicos, muito em especial os de aguas medicinais, tiveram entre os mussulmanos grande apreço. E' tradição que os banhos de Alafões, em S. Pedro do Sul, lhes devem a sua origem.

Em Espanha ainda hoje ha muitas termas de origem arabe, que tem geralmente a designação de *alhama*: *Alhama de Murcia*, *Alhama de Granada*.

IV

Estes banhos de Alafões, ainda que não tivessem sido tão célebres como as esplendidas termas árabes de Murcia e de Granada, adquiriram o renome preciso para, depois da conquista cristã, chamar ás

suas aguas o velho fundador da nacionalidade. Mas não foi Afonso Henriques o unico príncipe cristão, daquela época, que á crenoterapia pediu remédio para os seus achaques, muitos outros visitaram termas e entre elles Afonso V de Aragão, de que ficou conhecida a passagem por Vizela.

Em Portugal, como nos outros paizes da Europa, os reis e os príncipes foram assíduos frequentadores das termas. A's caldas de Alafões ainda foram D. Dinis e o Infante D. Pedro. A Rainha Santa Mafalda mandou construir uma gafaria em Aregos e D. João I uma fonte nas Taipas.

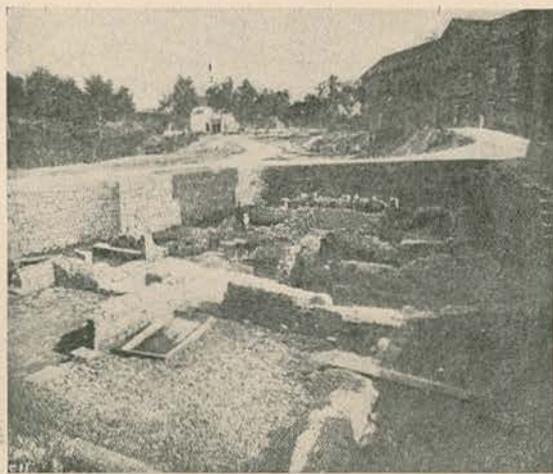
D. João II morreu em Alvor quando fazia uma época nas Caldas de Monchique. Sua mullher D. Leonor fundou á custa de suas joias e tenças o hospital das Caldas da Rainha e D. Manuel deu a esta povoação grandes privilégios e regalias.

Desde esta época ficou a vila das Caldas sendo a estância da corte. Lá foram e lá se trataram D. João III, o Cardial D. Henrique, D. João IV, D. Afonso VI, D. João V, D. José, D. Maria I, etc., etc.. De todos estes foi D. João V o que mais se interessou e o que mais vezes visitou a velha estância realenga.

Mas não foi só aos reis e príncipes que as aguas medicinais deveram protecção e deram remédio, muitas termas foram reconstruidas á custa de conventos, abadias e bispados e nelas trataram seus achaques



Belineum de S. Vicente



Outro aspecto do Belineum

frades, bispos, abades e dons priores. Foram frades os enfermeiros das Caldas da Rainha e Monchique. Frades estudaram o Gerez e as Taipas e frades descobriram as Furnas, nos Açores.

Em Caldela ainda servem tanques mandados fazer por frades de Redufe, a abades se deve a construção de balnearios em Carvalhal, Carrazeda de Anciães e S. Jorge, a um prior em Aljustrel, a bispos em Monchique, Monte Real e Unhaes da Serra.

Este interesse dos homens da Igreja pelas aguas medicinais não deve causar admiração porque durante a Idade Média, esquecido o naturismo greco-romano, as propriedades destas aguas voltaram a ser atribuidas a dons divinos, como nos antigos tempos primitivos. A's suas fontes se chamou de novo fontes santas e de novo foi dada a sua guarda a patronos celestes.

Só a sciência do século passado conseguiu dar ás aguas medicinais um lugar na medicina e atribuir a



Achados das termas de S. Vicente

sr. prof. Leite de Vasconcelos, a quem devo esta interessante informação, bem como a gentil autorização para reproduzir, do Archeologo Português e das Religiões da Lusitania, a maior parte das estampas que neste trabalho se referem a achados romanos, deixo aqui expresso o meu profundo reconhecimento.

Lisboa, 1921

propriedades naturais as suas virtudes terapêuticas. Do sobrenatural só ficou a lenda ás vezes encantadora e bela que fantasiamaram os homens crentes dos tempos que passaram.

Esta palavra espanhola *alhama*, bem como a sua correspondente portuguesa *alfama*, derivam do arabe e significam *fonte termal*. Isto leva a crer que as termas de Lisboa tenham sido tão importantes durante a dominação arabe, que tivessem dado ao lugar onde existiram um nome que tem resistido ao passar dos seculos. Ao

ARMANDO NARCISO



Fonte do Idolo (Braga)

ACTUALIDADES



*A recepção na embaixada do Brasil por ocasião do aniversario da implantação da Republica Brasileira
(Cliché Garcez)*



Um aspecto do funeral do Sr. Pedro Boto Machado, em Gouveia



Homenagem a Machado Santos. O sr. general Gomes da Costa lendo o seu discurso sensacional



A trasladação do corpo do sr. dr. Antonio Granjo. Os srs. Melo Barreto e Freitas Soares, que se incorporaram no prestito funebre

(Clichés Garcez)